



ELEMENTOS DE PESQUISA COM MULHERES NO MINISTÉRIO RELIGIOSO: LIMITES E POSSIBILIDADES

RESEARCH ELEMENTS WITH WOMEN IN RELIGIOUS MINISTRY: LIMITS AND POSSIBILITIES

Rubens Ruprecht*

Rodolfo Gaede Neto*

Resumo: O artigo¹ apresenta alguns elementos de pesquisa acerca da atuação de mulheres ministras ordenadas e sua introdução como ministras religiosas em comunidades e paróquias da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB². A metodologia usada foi baseada em Ganzevoort e constou de dois formulários de pesquisa com perguntas e três cartas-estímulo enviadas por e-mail a todas as pastoras ordenadas (233 – 2021) da IECLB³. A pesquisa pretendeu dar visibilidade à atuação das pastoras nos diferentes campos de trabalho e suas dinâmicas ali desenvolvidas. Os resultados foram computados a partir das temáticas presentes nas respostas, relacionando-as à epistemologia da Ecoteologia de Ivone Gebara e outras autoras. Os aspectos mais relevantes levantados provisoriamente na pesquisa foram: a) ser mulher, ser mãe, não interfere no Ministério Pastoral; b) experiências intrapessoais com colegas, comunidades e paróquias são muito importantes para a manutenção do Ministério Pastoral; c) a vida pastoral em família precisa ser revisitada em suas dinâmicas.

* Doutor em Teologia – Faculdades EST (2022), Mestre em Psicologia e Sociedade – Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis-SP (2005), Especialista em Psicologia Clínica – Conselho Regional de Psicologia (CRP 08/05255-Curitiba-PR-2007), Bacharel em Psicologia e Formação de Psicólogo Clínico – Universidade Estadual de Londrina-PR (1993), Bacharel em Teologia – Faculdades EST – São Leopoldo-RS (1978) – Brasil. E-mail: rubensruprecht@gmail.com

* Doutor em Teologia – Faculdades EST (2002), Mestre em Teologia – Faculdades EST (1999), Graduação em Teologia – Faculdades EST (1979), docência em Teologia Prática na Faculdades EST (2002-2022). E-mail: rodolfo@est.edu.br

¹ O presente artigo é o resultado de uma pesquisa de doutorado elaborada no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdades EST. O Prof. Dr. Rodolfo Gaede Neto foi o orientador da pesquisa.

² RUPRECHT, Rubens. **Pastoras da IECLB: Percepções do seu cotidiano e repercussões contemporâneas.** 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2022. Disponível em: http://dSPACE.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1144/1/ruprecht_r_td.pdf. Acesso em: 09 jul. 2023.

³ A IECLB possui quatro ministérios com ordenação (pastoral, diaconal, catequético e missionário), mas a pesquisa abrangeu apenas um deles, a saber, o pastoral, pois para os demais já havia pesquisas em andamento.



Palavras-chave: Pastoras IECLB. Teologia Ecofeminista. Cuidado. Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

Abstract: The article presents some research elements about the performance of ordained women ministers and their introduction as religious ministers in communities and parishes of the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil – IECLB. The methodological proposal is based on a methodology on Creswell and Ganzevoort and consists of two forms with questions and three stimulus letters sent by email, to be completed and returned to the researcher. The research intends to give visibility to the performance of the women pastors in the different fields of work and their dynamics developed there. The results were computed from the themes presented, relating them to the epistemology of Ecotheology in Ivone Gebara and other authors. The most relevant aspects raised in the research as eventual conclusions were that a) Being a woman, being a mother, does not interfere in the Pastoral Ministry; b) Intrapersonal experiences with colleagues, congregations and parishes are very important for maintaining the Pastoral Ministry; c) Family pastoral life, broadly speaking, needs to be revisited in its dynamics.

Keywords: Women Pastors IECLB. Ecofeminist Theology. Care. Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil – IECLB.

Introdução

A reflexão sobre o trabalho de pastoras diante da estruturação patriarcal masculina do Ocidente tem sido olvidada pelos séculos, apesar de ter suas próprias peculiaridades, e, em razão disso, a presente pesquisa quis visibilizar a vida e atuação profissional das pastoras da IECLB. Relatos públicos⁴ e privados do campo de trabalho de pastoras comunicam discriminações sofridas dentro dos campos de trabalho, quando não levam a desvantagens ou até transferências de lugar. Como ponto de partida, indagamos as pastoras da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) se: a) há alegrias no exercício do ministério com ordenação das pastoras na IECLB? b) há tristezas no exercício do ministério com ordenação das pastoras na IECLB? c) como alegrias e tristezas conversam entre si? d) pastoras são recebidas e aceitas nas paróquias e comunidades da IECLB da mesma maneira como seus colegas pastores?

⁴ Relatos sobre a atuação de mulheres no exercício do ministério pastoral vêm sendo descritos em obras nas diferentes Igrejas. MELLO, Adriana Girão da S.; LIMA, Daniel Barros. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: Um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. *Coisas do Gênero*, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 119-134, jan./jul. 2016. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/221/172. Acesso em: 23 jan. 2021. Na IECLB, veja a obra de FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda**: retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. Rio de Janeiro: Metanóia, 2019.



e) pastoras sofrem discriminações em função de seu gênero, por serem mulheres? f) os campos de trabalho pastoral foram estruturados historicamente para os homens nas Igrejas históricas. Se essa é uma hipótese válida, como as pastoras se adaptaram a esse contexto?

As pastoras na IECLB

Para delinear melhor os aspectos metodológicos do projeto optamos por Ruard Ganzevoort,⁵ um teólogo holandês vinculado à Teologia Prática, para o qual também é importante considerar os contextos em transformação ao se pesquisar uma temática. Seguindo os passos desse autor, estabelecemos sua confluência com a temática abordada no projeto, qual seja, a descrição da dinâmica de atuação das pastoras na IECLB e a observação metodológica desse fenômeno a partir das *encruzilhadas* descritas por este autor.

Para Ganzevoort,⁶ há que se considerar os *contextos em transformação* ao se pesquisar uma temática, e no caso do ministério das pastoras na IECLB, elas precisavam preencher um espaço ocupado até então por homens somente, cuja representação social/profissional também estava relacionada ao gênero masculino. Perguntamos assim, ao ocupar esse espaço, se a pastora mulher precisou incorporar as características previamente estabelecidas ao gênero masculino ou esta conseguiu formatar um parâmetro próprio a partir dos seus pressupostos próprios de gênero e quais implicações isto teve em sua atuação profissional. Ao estabelecer uma correlação com a temática sobre o ministério das pastoras na IECLB, pode-se entender este apenas como uma reprodução do ministério dos pastores na IECLB, agregando características que excedem tais particularidades, como jornada de trabalho ou possibilidades de gravidez e afastamento de determinadas tarefas. Entretanto, seguindo esse autor, pode-se também entender o mesmo processo como um fenômeno próprio, com suas características e desafios singulares. Isto é particularmente importante em relação à atuação das pastoras nos respectivos campos de trabalho, na medida em que saberes

⁵ GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85. Acesso em: 29 ago. 2021.

⁶ GANZEVOORT, 2009, p. 317-343.



oriundos de fontes emancipatórias da mulher – como as discussões sobre as relações de poder entre os gêneros, as teologias feministas, ecofeministas, teologia gay e da própria bioética, entre outras – agregam orientações e indisponibilidades veladas ou abertamente em oposição às concepções do patriarcalismo bíblico e histórico ainda em vigor nos contextos eclesiais contemporâneos. A teologia prática tem uma grande tarefa mediadora e talvez conciliatória nas décadas vindouras em relação a estas propostas de relacionamento humano, tanto quanto no sentido de integrar estes novos posicionamentos humanos nas hermenêuticas teológicas da contemporaneidade eclesial.

A atuação de mulheres no “Ministério com Ordenação da IECLB” (desde 1982) é uma das fontes mais nítidas na emergência dos conflitos designados, seja em sua forma subjugada e pueril dentro das relações de poder casual, seja nos conflitos abertos das arenas retóricas eclesiais e seculares do seu exercício na marginalidade eclesial e secular. Tentamos, assim, escutar as alegrias e os dilemas de pastoras que estejam dispostas a relatar suas histórias de vida e trabalho nas instituições religiosas a partir de suas respectivas epistemologias, para construir um arcabouço de histórias de vida que possa inspirar, auxiliar e amparar a atuação das pastoras da IECLB, na confluência dos saberes que a contemporaneidade nos desafia a reavaliar. Dos 233 formulários enviados às pastoras, juntamente com as 3 cartas motivadoras durante o processo para se conseguir uma maior adesão, apenas 16 foram respondidos ao pesquisador, que serviram de base para a elaboração da Tese. A baixa adesão à pesquisa e consequente silêncio a respeito pode ter significados proeminentes que deverão ser analisados posteriormente.

Teologia entre teólogas – um debate caloroso

Em sua obra “Teologia Urbana”, Ivone Gebara reflete sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana.⁷ Retomar o corpo criado à imagem divina é um dos pontos ressaltados por Gebara em sua teologia ecofeminista. Antes, porém, é necessário rever alguns aspectos antropológico-teológicos aos quais o corpo, particularmente o feminino, foi submetido. Gebara refere que no combate em que os corpos perderam a

⁷ GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana**: Ensaio sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 13-14.



batalha “[...] o grande excluído, o condenado à morte, foi o corpo da mulher. Seu corpo, carregando em si a ferida de todos os corpos viveu exilado da teologia”.⁸ Esse corpo é referência aos que o desprezam e aos que o exaltam, aos que o oprimem e aos que o respeitam, o lugar em que se manifestam os nossos medos, inclusive o medo de Eva, símbolo patriarcal dos nossos medos.

É o corpo que se transforma em lágrimas, gritos de dor, em fuga, calafrios, ódios e perseguição. [...] O corpo de Eva nascido de um profundo sono de Adão, e, talvez, no sono, um sonho e, do sonho, o desejo profundo, agudo, daquilo que é ele mesmo, Eva. Eva não dorme e não sonha. Seu corpo é sonho de outro, seu senhor, seu dono, aquele para o qual foi feita. Seu corpo é desejo de outro corpo. De seu corpo ela sabe que será tomado por dores e submisso aos desejos do homem. Sua submissão é ao mesmo tempo maldição. [...] Partir do corpo de Eva é permitir por um instante que o corpo temido e sacrificado fale, e, no caso particular, fale à teologia como uma ‘instituição’ da religião.⁹

“Eva não dorme e não sonha. Seu corpo é sonho de outro, seu senhor, seu dono, aquele para o qual foi feita” também continua presente em parte no contexto da IECLB enquanto P2¹⁰ assim se expressa:

“É cruel e totalmente desprovido de pudor o tratamento dado a ministras no que diz respeito a nossa aparência física, às nossas roupas, a voz ‘fraca’, a falta ou excesso de adereços, à perda ou ganho de peso, às pastoras que estão solteiras ou que, estando em um relacionamento, não são mães biológicas [...] disse que a gente deveria ‘fazer mais sexo, fazer umas coisas diferentes na cama’. Eu me vi sem apoio, e levei mais um ano até romper esse relacionamento [...] afinal a Pastora está sempre trabalhando muito, e tem as crianças, está sempre cansada, é natural que não consiga atender as necessidades matrimoniais dele.”
(P2)

Gebara refere que as demandas sexuais e matrimoniais não são administradas equitativamente, mas recaem sobre o corpo da mulher com mais peso e jugo desigual.¹¹ Nas Igrejas, para a autora, percebe-se claramente o medo desses corpos, sobretudo do corpo da mulher, e não lhe abrem espaços porque isto exigiria uma nova organização do poder sagrado, em que o corpo feminino não poderia mais ser subjugado, uma vez que habitariam direitos iguais entre eles. A igualdade verbal, de cunho patriarcal e hierárquico, fixada até então como uma verdade eterna sobre o ser humano, logo seria contestada ou levada à discussão em novos fóruns de debates. Assim, não restam muitas alternativas para esta Eva, esta mulher, de sujeitar-se ou rebelar-se, referendado

⁸ GEBARA, 2014, p. 65.

⁹ GEBARA, 2014, p. 66-67.

¹⁰ P2 – (P) Representa a pessoa pastora em seu relatório de pesquisa. Doravante será usado para designar os diferentes relatórios – P3, P4, P5...

¹¹ GEBARA, 2014, p. 68.



pelo corpo social, religioso e institucional, ainda que nem sempre isso possa ser afirmado em público, pois sujeito ali às devidas sanções.

Gebara refere essa dicotomia entre o sexual e o sagrado, em uma certa “demonização da mulher” e seu corpo no âmbito do sagrado, em que as Igrejas clara ou veladamente combateram o corpo e não se preocuparam em tomar decisões diante do massacre dos corpos femininos em diferentes situações históricas. Aos corpos dos homens não é imputada esta condição subalterna em relação ao espírito, salvo em situações de constrangimento social ou sexual grave, como nos casos dos escândalos amorosos e sexuais. Condicionamentos disformes ou disfuncionais como obesidade, gula e similares não recebem o mesmo acento severo e regulador/punitivo nos homens, aos quais se submetem os corpos das mulheres. Estranho que esses condicionamentos sociais e culturais tenham tanta força e exerçam tanta pressão também nos meios religiosos, um contraponto aos supostos discursos integradores baseados na máxima cristã do amor ao próximo. Nesse sentido, talvez seja necessário e imperativo resgatar os corpos dos seus condicionamentos culturais que sobre eles reinam, notadamente sobre os corpos femininos.¹² Embora se tenha essa percepção positiva na redescoberta do corpo,

[...] a teologia e a moral têm sido frequentemente ‘armas’ de morte para um corpo considerado, em primeiro lugar, decaído. A teologia e a moral têm sido ‘invenção’ de um corpo espiritual para negar a extraordinária materialidade divina de nossos corpos. Partir do corpo é partir do Reino de Deus, anúncio de redenção para; os corpos, anúncio de boa nova, de alegria, de liberdade, de gozo dos corpos. Na perspectiva do Reino não há casuísmos, não há a lei acima do homem e da mulher, não há Deus, imagem do homem dominador.¹³

Gebara propõe que na perspectiva do Reino de Deus, a figura feminina já não será a personificação central desse medo, pois ambos serão unidos em busca da felicidade que reside em seus desejos. Juntos, caminharão como uma só entidade, buscando a plenitude de suas vidas.¹⁴ “Buscando a felicidade que mora em seu desejo”, fará que ambos se tornem mais conscientes de seus desejos, por vezes demasiadamente terrenos e humanos, que se sobrepõem inclusive às disposições institucionais sem que isto seja percebido nas dinâmicas pessoais individuais, não podendo, por isso, se responsabilizar a contento para construir um relacionamento

¹² GEBARA, 2014, p. 69.

¹³ GEBARA, 2014, p. 69.

¹⁴ GEBARA, 2014, p. 69-70.



fraternal/sororal¹⁵ com seus pares no planejamento e execução de suas tarefas e atribuições diárias.

As discussões sobre gênero remetem a uma questão de honra?

O Gênero, originalmente relacionado ao sexo biológico, vem sendo discutido e reinterpretado por novas interfaces do saber e conhecimento humanos, a saber, os “estudos de Gênero” nas epistemologias sociais e culturais. Se em épocas remotas, como na tradição patriarcal do Ocidente e Oriente próximo, o termo era definido a partir de uma patriarcalização dominante, na qual o feminino repousava na submissão da mulher ao seu “dono”, por vezes literal e outras vezes subentendido, era coerente em muitas tradições culturais o homem afirmar a sua honra a partir da submissão e punição da mulher. Gebara refere que em muitos lugares do Brasil ainda é assim, sobretudo onde reinam tradições e hierarquias culturalmente definidas.¹⁶

Era natural “restaurar a honra masculina” diante de insubordinações indevidas e na punição da mulher e também do homem que a “desonrou”, porque a disputou – como mercadoria – com seu “legítimo proprietário”. Tal dinâmica, na dimensão mercadológica de posse da mulher como objeto de pertencimento à família constituída, tem gerado igualmente as enormes cargas de violência doméstica que ainda nos caracterizam nestes dias. O conceito de desonra se transmuta em outros sentimentos e comportamentos contemporâneos, de modo que, por vezes, uma mulher sai de uma relação de posse e entra em outra tão opressora quanto a anterior. É o que expressa Gebara ao referir que

[...] é o que se diz, é o que se quer pensar e é o que se quer que se pense. Honra e desonra se referem a costumes, comportamentos, tradições familiares e culturais. Honra e desonra se referem à necessidade humana de valer aos olhos

¹⁵ Fraternal/Sororal: Relativo à irmandade entre homens/mulheres, baseado em companheirismo e empatia. Para Scherer, “a sororidade propõe um pacto de aliança, de fortalecimento, de cumplicidade por meio da amizade entre mulheres que desejam transformar as relações de injustiça e dominação presentes na sociedade. [...] As mulheres, de diferentes formas e em distintos momentos, formam pactos de amizade e apoio com outras mulheres em seu cotidiano. Amigas, irmãs, familiares, colegas de trabalho, seja onde for, a sororidade se faz presente e empodera mulheres para a ação, pois agir juntas é melhor do que em solidão e individualismo”. SCHERER, Cristina. **Sororidade**: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2018.

¹⁶ GEBARA, 2014, p. 139.

uns dos outros. [...] E nesse ajuste de contas com a vida, as mulheres têm sido vítimas privilegiadas e os homens os agressores privilegiados.¹⁷

Assim, conforme essa autora, “[...] toleram-se não apenas os crimes em relação à chamada honra, mas eles abrem-se em outros comportamentos [...] as diferentes formas de controle religioso, científico e tecnológico dos corpos femininos”.¹⁸ As mulheres são concebidas a partir da percepção e enculturação dos homens, seus patriarcas, assumidos ou não, e é exatamente aí que entra a atual discussão das relações de Gênero.

[...] Gênero é uma relação entre mulheres e homens reconhecida e firmada por instituições, estruturas, costumes e práticas cotidianas. Gênero tem a ver com a forma de socialização em que fomos educadas e que reproduzimos em todas as instituições sociais. Gênero tem a ver com sexualidade, com etnia e com classe social. Estas formas sociais e sexuadas de existir são atravessadas de poderes que se cruzam em diferentes direções, de forma a manter uma concepção hierárquica de mando e obediência.¹⁹

Tais relações injustas de Gênero coexistem em todas as classes sociais, perpassando etnias e corporificações ideológicas, religiosas e culturais de todas as naturezas. Nas classes sociais mais abastadas, elas seguem um refinamento próprio da classe, mas quanto maior o nível de empobrecimento, mais rudes e primitivas elas se expressam, auditadas pelos jornais e mídia em geral, atestando as inúmeras formas de violência expressas na cultura hodierna, refere a autora. Há que se caracterizar essa temática também no contexto da IECLB, pois a pastora, como mulher, está inserida nesta dinâmica em inúmeras situações e tal perspectiva determina a relação de trabalho e atuação pastoral. Era uma situação *sui generis* em que a mulher pastora não tinha seu campo de atuação definido, restando-lhe incluir-se em algum lugar estabelecido para o pastor homem, a começar pela demanda institucional da IECLB. Assim se expressa uma pastora formada nos anos 1980:

“[...] tive grande dificuldade para ser ordenada pastora na IECLB e tive pouco tempo de ministério reconhecido. Praticamente foram n. anos com reconhecimento num projeto [...] e parte dos direitos garantidos [...] n. anos com salário base e INSS [...] todo o período na [...] em [...] e depois [...] foi sem reconhecimento eclesial como pastora. Primeiro fiz trabalho compulsoriamente voluntário, com a alegação de que era esposa de pastor e não pastora e que assim era a praxe na IECLB. Depois de muita luta inglória [...] desisti e fui buscar outras possibilidades profissionais, passando a assumir, nesse momento por escolha pessoal, o pastorado voluntário. Foi o que me restou [...]. Informo que, além de atuar [...] também me

¹⁷ GEBARA, 2014, p. 141-142.

¹⁸ GEBARA, 2014, p. 142.

¹⁹ GEBARA, 2014, p. 142.

candidatei (junto com outros colegas) a vagas em paróquias da IECLB, nas quais não fui escolhida. Não encontrei espaço na IECLB, a não ser o banco na comunidade, na qual participo dominicalmente.” (P5)

Na década de 2000, as pastoras já tinham um reconhecimento relativamente definido por estatutos na IECLB e trabalhavam ao lado de seus pares pastores com maior desenvoltura e engajamento, mas sua condição de Gênero permanecia sorrateiramente em seu bojo.

P13 lembra que

“[...] fui bem recebida nas Comunidades em que atuei, encontrando ressalvas por ser mulher em apenas uma. A outras, se tiveram dificuldades, muito pouco demonstraram. Mas também é verdade que muitas Paróquias, até conhecidas, nem aceitaram o currículo, às vezes inventando desculpas esdrúxulas, justamente por ser mulher. [...] na primeira Paróquia não tive problemas em relação ao fato de ser mulher. Na Paróquia [...] havia muita resistência no campo ecumênico e também a Comunidade esperava que casamentos ou batismos fossem ministrados apenas pelo Pastor. Não senti estas dificuldades nem no [...], nem no [...] e também não no [...]. Meu cuidado especial foi com a OASE e JE. Muitas destas mulheres tinham apenas este dia, do encontro da OASE, para se sentirem importantes, amadas, e isto precisava ser aproveitado. Resgatar a autoestima delas. E deles, nos Estudos Bíblicos e encontros [...] é preciso adaptar a linguagem, os exemplos e as expectativas [...] às vezes a gente vai com muita sede, e não dá conta de tudo a que se propôs ou sonhou.” (P13)

Ainda assim, lamenta as interferências do seu trabalho na vida familiar, em que, como mulher, precisou trabalhar na Comunidade e também cuidar das crianças, pelas restrições financeiras da Paróquia para dois pastorados.

“Com dois filhos prematuros, um muitas vezes doente, dificuldades no casamento, gostaria de ter tido mais apoio. Hoje meus filhos dizem que sou pastora em tempo integral e, para ter a minha atenção, precisam me chamar de ‘pastora’ e não de mãe. Talvez, para ser aceita na Comunidade tenha mergulhado no trabalho, excedendo a entrega, trabalhando demais, deixando de lado folgas, por exemplo. Sem isso, será que teria sido tão bem recebida? E o custo pessoal disso, como doenças e solidão, pago sozinha? São questões a serem vistas. Grata pela atenção.” (P13)

Outro relato mostra o quanto essa inversão de poder pastoral pode trazer problemas ao relacionamento pessoal e também com a Comunidade/Paróquia/Igreja. Esta refere que foi bem acolhida no seu primeiro campo de trabalho,

“[...] as pessoas foram acolhedoras e amáveis, foi uma experiência de alegria simples e convívio amoroso e, nesse sentido, gratificante [...] meu esposo era [...] como cônjuges de pessoas do Presbitério, ele participava das reuniões e muitas vezes era perguntado sobre as tarefas que competiam a mim. [...] quando eu fui chamada a mediar um conflito entre famílias, fui orientada pelo Presidente [...] a ser ‘firme e forte como um homem’. A distinção de gênero acontecia também nas reuniões, e isso se aprofundou nas experiências pastorais seguintes. Por exemplo: eu emitia minha opinião ou dava sugestão sobre um assunto. Isso era ignorado, minutos depois, algum presbítero (homem) fazia exatamente a mesma observação ou sugestão que eu havia apresentado, às vezes até com as mesmas palavras, como se fosse



dele, e era aceito como 'proposta de fulano'. Isso se repetiu ad infinitum no pastorado. Ser interrompida na reunião, sem conseguir terminar o raciocínio. Falar algo e, em seguida um presbítero começa a explicar pra mim o assunto que eu acabei de falar, como se eu não tivesse a mínima ideia do que estava sendo tratado. Essas foram situações vividas desde o primeiro pastorado.” (P2)

A competência técnica – ser teóloga e pastora – por inúmeras vezes é posta em dúvida no inter-relacionamento eclesial como refere P2:

“Havia confusão, por parte das pessoas, sobre o fato de ele ser o [...] e não o Pastor. Algumas vezes ele fazia encaminhamentos e tomava decisões que eram da minha competência, outras vezes ele ‘anotava o recado’ para que eu pudesse dar o encaminhamento necessário. Essa confusão de papéis continuou e se agravou ao longo dos anos, nos próximos campos de trabalho, onde Presbíteros e cônjuge muitas vezes se aliaram para me desautorizar e me deixaram sem voz e lugar. Eu fui conivente com essa situação na medida em que não é da minha índole partir para um ‘confronto aberto’. Muitas vezes me deixei atropelar nesse processo e concordei com soluções e propostas sobre as quais eu ainda não estava pronta para opinar.” (P2)

Outro aspecto que P2 levanta, talvez pela percepção e ótica de mulher, mas que se estende também aos pastores homens, é a questão sobre a quantidade de tempo que deve ser dedicada ao trabalho pastoral, dentro de um contrato que não é mensurado temporal ou financeiramente. Em sua avaliação parcial do pastorado, P2 refere que muitas vezes sentiu-se como se fosse somente uma “agendadora” de tarefas e eventos, sobrevivendo em um ambiente extenuante e solitário. Havia pouca comunicação com outros colegas e, muitas vezes, foi “*calada e tutelada pelos Presbitérios em conluio com [...]*”. Sentiu-se isolada em relação à instância Sinodal e derrotada por estas circunstâncias, desenvolvendo “[...] *uma sensação de irrelevância, muitas frustrações, muita decepção com a caminhada de colegas. Aquele solo está encharcado com minhas lágrimas e mesmo agora não posso falar sobre essa experiência sem choro e profunda tristeza e frustração.*” (P2).

Em meio a todas essas idas e vindas de uma vida pastoral, refere-se P2 em sua retrospectiva: “[...] *cheia de fragilidades, erros, equívocos, medos, quero me alegrar que, nesse ponto do Ministério, estão muito claras e presentes em mim: a teologia feminista [...] trabalho com grupo identitário*” (P2), nos quais ela encontrou acolhida e se sente representada em suas aspirações teológicas e humanitárias. Outrossim, receosa comenta que há um certo medo em andar por esse caminho, “[...] *quem vai ficar comigo? [...] Que Presbitério daria liberdade de trabalhar dentro dessa linha, sem ficar tutelando o fazer teológico e prático? Que Comunidade estaria aberta ao processo de descobrir-se e abrir-se a novas possibilidades?*” (P2).



Em seu singular relatório, P2 relata sua própria experiência dolorosa no confronto das interfaces entre uma teologia e prática teológica androcêntrica patriarcal, baseada no reconhecimento do homem/masculino como referência cultural idealizada em detrimento da desvalorização da mulher como ser igualitário nessa representação, buscando a paridade de competências e direitos assegurados a ambos os sexos. Nas culturas e sociedades, ao longo dos tempos, tais diferenças, de modo genérico, foram aceitas, impregnadas e impostas pelos e pelas representantes do Poder de Estado e também da própria religião. Gebara refere o seguinte, nesse sentido:

[...] sabemos bem que o cristianismo não nasceu a partir da igualdade de gênero e menos ainda cresceu a partir da igualdade de gênero. Muito embora o feminismo esteja atuando como movimento social há mais de trinta anos no Brasil, a força real e simbólica da submissão continua a estruturar as relações cristãs. As mulheres não conseguiram ainda cidadania integral na maioria das igrejas cristãs.²⁰

E ainda assevera que:

Uma leitura superficial do Novo Testamento já nos permite perceber o quanto o rosto social do cristianismo é masculino. [...] O cristianismo nas suas várias expressões não é diferente da cultura em que nasceu e em que vive. De uma forma ou de outra sempre privilegia os homens e sobrecarrega as mulheres, sempre alivia mais a culpa masculina e acentua a feminina sobretudo no que se refere ao corpo e à sexualidade.²¹

Vimos nos exemplos citados – e vedados todos os textos que possam identificar pessoas ou lugares – que estas representações estão tão integradas ao corpo da cultura e da religião que são tomadas como “verdades naturais”, que baseiam e limitam comportamentos éticos e humanos em todos os tempos e todos os lugares. Estigmatizadas como “verdades incontestes” normatizam ideias e sentimentos tomados como “naturais”, sem compreender a “construção” dessas epistemologias em seus respectivos contextos. Assim refere-se Gebara:

Honra e desonra masculina, feminina são apenas um capítulo da longa jornada de violências que nos impomos uns aos outros, umas às outras! A busca de igualdade e justiça nas relações de gênero é apenas uma expressão de uma luta maior, a luta de transformar o mundo, a luta de dar-nos a possibilidade de fazer desta Terra um lugar onde as vidas sejam mais respeitadas e amadas.²²

²⁰ GEBARA, 2014, p. 144.

²¹ GEBARA, 2014, p. 143.

²² GEBARA, 2014, p. 144.



Compreender essas dinâmicas sociais, culturais e religiosas nos permite repensar a própria hermenêutica bíblica, tendo em vista que suas normativas éticas e códigos de comportamento humano também são frutos de seus contextos específicos de origem, marcados por suas idealizações de gênero e poder. Também no contexto do protestantismo luterano talvez seja necessário fazer algumas atualizações para uma teologia mais contextualizada para o hibridismo teológico acadêmico²³ que estamos vivendo e repensar como este se estende às bases confessionais nas paróquias e comunidades da IECLB.

Certamente muitos e muitas de nós ainda querem permanecer no *locus* medieval-renascentista da confessionalidade luterana por tratar-se de um lugar seguro já adquirido, sem precisar se ocupar com a ambiguidade do ser e do pensamento que nos caracterizam neste início do século XXI. Entretanto, se este continua a ser um lugar seguro para as presentes e futuras gerações que nos sucedem, tendo em vista a grande variedade de interpretações bíblicas, teológicas e eclesiais que se sucedem ininterruptamente, temos que nos perguntar qual será o caminho a seguir como organização religiosa? E por que não incluir a multidão de mulheres evangélicas luteranas nesta reflexão, que, a exemplo de suas predecessoras na Bíblia e também na história do protestantismo²⁴ sustentam as comunidades locais com seu empenho e dedicação esmerada, sem que sejam notadas e citadas publicamente em documentos emitidos pelas vias comunitárias, paroquiais, sinodais e administrativas de comunicação da IECLB?

Assim, urge atualizarmos nossos quérigmas cristológicos, assim como as Igrejas vêm fazendo no transcorrer dos séculos, e a proposta da Teologia Feminista na IECLB certamente vem colaborando nessa empreitada, revendo e contrapondo novas versões teológicas às exigências doutrinárias e confessionais da contemporaneidade, mais inclusivas e tolerantes com as diversidades e adversidades que nos marcam nesta época

²³ HIBRIDISMO TEOLÓGICO: As Teologias contemporâneas não são mais as mesmas daquelas produzidas nos dois últimos séculos, assim como as Confessionalidades (incluindo a(s) Confessionalidade(s) Luterana(s)) históricas foram agregadas e transpassadas pelas Teologias Pentecostais e Neopentecostais em alguns dos seus elementos. Esse também é o caso da Teologia da Libertação (de origem católico-romana-Concílio Vaticano II), que foi reinterpretada ao contexto protestante, prosperando ali e trazendo e agregando novos saberes e epistemologias teológicas na Modernidade, como é o caso também da Teologia Feminista da Libertação. N.A.

²⁴ Veja também: ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. **Mulheres no movimento da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.



particularmente evasiva que se liquefaz²⁵ diante dos novos saberes e sabores que marcam nossa humanidade.

Aspectos concluintes nas narrativas de pastoras da IECLB

De um modo geral, podemos observar que, ao longo das últimas décadas se instalaram novos modelos e perfis de atuação de pastoras em paróquias e campos de trabalho da IECLB, entremeados de alegrias e tristezas, vitórias e fracassos, como acontece em qualquer outra profissão secular. Entretanto, no que diz respeito ao trabalho ministerial de pastoras, há algumas peculiaridades citadas pelas pastoras em seus relatórios de pesquisa que merecem ser apreciados e refletidos.

Apresentamos, a seguir, algumas conclusões por elas elencadas: a) ser mulher, ser mãe, não interfere no Ministério Pastoral, mas ser mulher e ter pouca idade causa estranheza algumas vezes em comunidades. Tal percepção sugere a presença de condicionamentos em relação à compreensão de Gênero, empoderamento de mulheres, arcabouço machista e, por vezes, misógino, etc. ainda presentes nos corpos eclesiais e comunitários, em que também a “capacidade” da mulher é posta em xeque, sobretudo quando afetos positivos (amor) ou negativos (ciúme) entram em cena; b) construir amizades com pessoas, partilhar a pregação (púlpito) com membros, muda a opinião de lideranças e retira da autoridade eclesial o poder total de decisão sobre questões que competem a todos e todas opinarem. Diferenças, por vezes, levam à solidão e ao isolamento entre colegas e/ou tutela de comunidades e paróquias (batismo feito por pastor tem mais valor), fronteira ideológico-cultural em que o machismo dita as regras e dificulta a integração e inclusão das alteridades na comunidade. Pois, substituir o “pastorcentrismo” por “pastorcentrismo” não muda nada na estrutura do trabalho. Somente a criatividade conduz a novas formas de ser Igreja/Paróquia/Comunidade, em que a inclusão das alteridades já existentes provoca novas reflexões teológicas e comunitárias; c) a equipe/colegiado pastoral proporciona as melhores parcerias, no respeito às diferenças e valorização das semelhanças. A discussão em torno da representação de Gênero com as parcerias ajuda a esclarecer equívocos e a dinamizar as situações de conflito entre as partes, avaliando o trabalho realizado e aperfeiçoando

²⁵ BAUMAN, Zygmund. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. [Do mesmo autor: **Amor Líquido** (2004), **Medo Líquido** (2008) entre outros.]



os aspectos a serem atualizados na confluência das dificuldades e diferenças teológicas que persistem nas confessionalidades diversas e plurais. Lamentavelmente nem sempre existe essa disponibilidade por parte de colegas e parcerias, isolando as partes em guetos ideológicos e teológicos, que não favorecem o diálogo e a aproximação dos colaboradores e colaboradoras; d) a IECLB precisa manter sua voz profética e sua estrutura nem sempre permite interações profundas em questões de relevância, sobretudo no trato com as pastoras, que, por serem mulheres, ainda sofrem as interpelações andróginas da sociedade em que vivem e também da igreja em que servem (Ministras são a ponta de lança e costumam ficar sem emprego mais frequentemente e por mais tempo do que seus colegas homens). Por outro lado, vemos hoje uma “bricolagem da fé”, em que presbitérios se julgam “donos” dos seus postos de poder e manipulam pastoras e pastores de acordo com suas conveniências. A IECLB, como estrutura, deve ficar mais atenta a estas situações; e) a teologia é pública e precisa refletir sobre o que é público, a saber: “democracia, cidadania, ecologia, economia [...] pois a Teologia tem estômago (presente em seu corpo) e no momento tem muita gente passando fome”, refere uma pastora. “A Teologia Feminista e Ecofeminista tem a preocupação com a casa maior, em que tudo existe, grupos identitários, com posturas ecumênicas e dialogais” foi referido por outra pastora. Para esta, “nosso Deus Pai/Mãe de nosso Senhor Jesus Cristo, jamais exclui pessoas homoafetivas, negras, pobres, mulheres, jovens e crianças”. Quem os exclui sempre são as Igrejas/Paróquias/Comunidades, baseadas em princípios norteadores culturais, autóctones ou não, que impõem tais limites a partir de suas confessionalidades; f) por tudo isso “somos gratas” e estamos satisfeitas com nossas atuações em público e também no privado, entendendo que esse é nosso dever e porvir, ainda que passamos por dificuldades, sofremos restrições, por vezes nos sentimos derrotadas, mas são estações da nossa caminhada como participantes do Reino de Deus, mesmo sabendo que ainda “é necessário ter uma armadura melhor, sendo mulher”. Por “termos experiências parecidas, criamos um espaço seguro para apoio mútuo, produção de conteúdo e busca dos direitos”, foi a perspectiva geral daquelas que responderam o questionário de pesquisa; g) lamentavelmente “nossas famílias” – a família pastoral como um todo – diante de expectativas irreais e surreais, baseadas em idealismos ideológicos e institucionais, sofrem as mazelas desse descompasso entre sermos humanos e humanas e/ou quase divinas. Nossas famílias nos acompanham nesse projeto e, por



vezes, precisamos deixar que se afastem e respirem, para que não sufoquem debaixo da “aura” que criamos para proteger nossas crenças. Também elas são somente caminhantes neste mundo em que reina alegria e dor, misturadas, e, por vezes, ofuscadas pelo brilho demasiadamente narcísico de nossas aspirações ao poder secular e/ou eclesiástico. É importante ressaltar que as pastoras da IECLB formaram uma vanguarda na constituição, desenvolvimento e evolução da Teologia Feminista na IECLB, que juntamente com o Corpo Teológico maior da Faculdades EST²⁶ proporcionou essa caminhada na reflexão teológica contemporânea no Brasil.

Referências

BAUMAN, Zygmund. **Tempos Líquidos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

FREIBERG, Maristela Lívia. **E assim entramos na roda: retratos do processo de formação e atuação das primeiras pastoras da IECLB, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. Rio de Janeiro: Metanóia, 2019.

GANZEVOORT, R. Ruard. Encruzilhadas do caminho no rastro do sagrado. **Estudos Teológicos**, São Leopoldo, v. 49, n. 2, p. 317-343, 2009. Disponível em: http://www.est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/view/91/85. Acesso em: 29 ago. 2021.

GEBARA, Ivone. **Teologia Urbana: Ensaios sobre ética, gênero, meio ambiente e a condição humana**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014.

MELLO, Adriana Girão da S.; LIMA, Daniel Barros. A mulher e os desafios na conquista do pastorado: Um estudo de caso em uma igreja evangélica Assembleia de Deus na cidade de Manaus. **Coisas do Gênero**, São Leopoldo, v. 2, n. 1, p. 119-134, jan./jul. 2016. Disponível em: https://revistas.est.edu.br/periodicos_novo/index.php/genero/article/view/221/172. Acesso em: 23 jan. 2021.

RUPRECHT, Rubens. **Pastoras da IECLB: Percepções do seu cotidiano e repercussões contemporâneas**. 2022. 225 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2022. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/1144/1/ruprecht_r_td.pdf. Acesso em: 09 jul. 2023.

²⁶ Freiberg relata algumas experiências de um grupo de mulheres que ingressaram na Faculdade de Teologia (FACTEOL) entre 1966 e 1986, “cujas atividades e ações no campo social e na organização da comissão Pró-Teóloga (1986), culminou na criação de uma cadeira específica de Teologia Feminista na EST”. FREIBERG, 2019, p. 27.



SCHERER, Cristina. **Sororidade**: uma discussão conceitual, narrativas bíblicas e a experiência dos encontros de ministras da IECLB. 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Faculdades EST, São Leopoldo, 2018.

ULRICH, Claudete Beise; DALFERTH, Heloisa Gralow. **Mulheres no movimento da Reforma**. São Leopoldo: Sinodal, 2017.

Recebido em: 04 ago. 2023.

Aceito em: 09 nov. 2023.